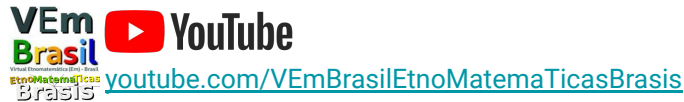


Conexão Virtu@ Etnomatemática

CHAMADA



RedINET-Brasil



Olá, RedINET-Brasil!

Chamada para submissão de biografias a serem divulgadas no **Boletim RedINET-Brasil**, como parte do projeto **Conexão virtu@I** dos pesquisadores em Etnomatemática do Brasil.

Objetivo: criar conexões e uma grande network de pesquisadores que atuam com a Etnomatemática.

Expectativa: maior comunicação/interação/intercâmbio entre pesquisadores do Brasil e do mundo com a divulgação das pesquisas, contatos e redes sociais.

Quem pode submeter? Pesquisadores brasileiros, residentes ou não no país, e estrangeiros com algum vínculo no país, que atuem com a Etnomatemática.

Interessou-se e quer submeter?

1. Prepare um arquivo com seu nome, e uma breve biografia de escrita livre, com e-mail. O arquivo deve estar em .doc, .docx ou .odt e formato A4 com todas as margens 2,5 cm e ter 35 linhas no máximo de texto justificado com espaçamento 1,15 em fonte Arial. Ao final da biografia, poderá deixar contatos para divulgação com a comunidade científica, como 'username' de Twitter, Facebook, Instagram, LinkedIn, Google Scholar, Orcid ou Lattes (tudo incluído nas 35 linhas).

2. Escolha uma foto de perfil com boa resolução.

3. Envie o artigo e a foto de perfil escolhida para o e-mail etnomatematicas.brasis@gmail.com.

Quando será divulgada a biografia? A publicação estará condicionada à aprovação e disponibilidade da coordenação de cada uma das cinco regiões, em virtude do limite bimestral de biografias.

Esperamos sua colaboração e participação,
Equipe Editorial Boletim RedINET-Brasil
Coordenação RedINET-Brasil
Comunidade EtnoMatemaTicas Brasis

Claudia de Jesus Meira




Conexão Virtu@l Etnomatemática


Meu nome é Claudia de Jesus Meira, “carioquíssima”, negra e a primeira doutora da família. Licenciada em Matemática pela Universidade Castelo Branco (2000), O Mestrado e o Doutorado foram concluídos no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense. Minhas pesquisas foram voltadas para área da etnomatemática.

No mestrado optei por uma pesquisa de campo com viés etnográfico com jovens e adultos privados de liberdade. No doutorado, nossa pesquisa teve viés teórico no sentido de analisar as concepções de cultura em etnomatemática.

Já atuei como professora de matemática da rede privada e da rede estadual. Atualmente sou diretora de uma escola estadual inserida em uma unidade prisional, onde trabalho há 16 anos. Atuo como tutora a distância do consócio CEDERJ, no curso de Pedagogia com a disciplina Matemática na Educação I. Sou integrante do grupo de pesquisa GETUFF – Grupo de Etnomatemática da UFF e do GEPEPL – Grupo de Estudo e Pesquisa de Educação em Privação de Liberdade – UFFRRJ.

Tenho interesse em pesquisas em etnomatemática, Jovens e Adultos e temas como decolonialidade, cultura e etnografia são de meu interesse.

 cmeira@prof.educacao.rj.gov.br

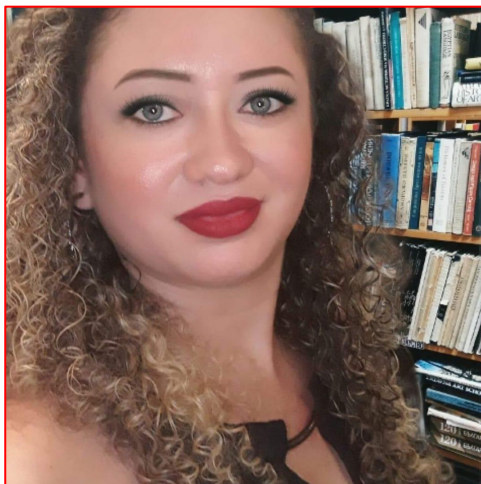
 <http://lattes.cnpq.br/3436757169374597>



RedINET-Brasil

EtnoMatemáticas
Brasis

Cristiane Nery



 crisnery@unifap.br

 <http://lattes.cnpq.br/4754278141188631>

Sou Cristiane do Socorro dos Santos Nery, conhecida no ambiente acadêmico como “professora Cris Nery”. Sou natural de Belém do Pará, terra do açaí, do artesanato marajoara e do carimbó chamegado. Atualmente moro na cidade de Oiapoque, no estado do Amapá, localizada no extremo norte do Brasil, na fronteira franco-brasileira, onde exerço a profissão docente no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá. Na UNIFAP, desenvolvo ações de ensino, pesquisa e extensão direcionadas a Formação inicial e contínua de professores indígenas, Interculturalidade crítica, Educação Escolar Indígena, Produção de materiais didáticos, Etnomatemática e Educação Matemática. Leciono os componentes curriculares: As dimensões da Etnomatemática; As matemáticas na Educação Escolar Indígena; Classificação de Sistemas Numéricos, entre outros; nos quais, venho desenvolvendo metodologias com a finalidade de potencializar os saberes dos professores indígenas para a atualização do conhecimento matemático sociocultural entre os povos indígenas do Amapá e norte do Pará. Sou líder do Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Educação Intercultural em Ciências da Natureza e Matemática (GECIM/UNIFAP) atuando principalmente na linha de Formação de Professores e Diversidade Sociocultural. Fiz graduação em Licenciatura Plena em Matemática e mestrado em Educação, ambos pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), e doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Dentre as principais atividades sob minha coordenação, destacam-se as pesquisas: “Formação de professores indígenas: história e memória de discentes do CLII-UNIFAP” e “Materiais Didáticos no Ensino de Etnociência e Etnomatemática”. E as ações de extensão: “Oficinas pedagógicas interdisciplinares na formação docente”; “Formação docente indígena: práticas pedagógicas interdisciplinares”; e “Etnomatemática indígena: produção de material didático e a formação do professor pesquisador”. Últimas publicações: A difícil arte de ser professor indígena: o ensino de matemática nos anos iniciais do ensino fundamental (DOI: [10.12957/riae.2023.70480](https://doi.org/10.12957/riae.2023.70480)); A coprodução de atividades para o ensino de matemática na formação inicial de professoras indígenas (DOI: [10.26571/reamec.v11i1.14402](https://doi.org/10.26571/reamec.v11i1.14402)).

Edivaldo Lourival Mampuche



Sou Professor Edivaldo Lourival Mampuche, nascido em Cuiabá MT e sou da Etnia Manoki, morador da Aldeia Cravari, no Território Indígena Irantxe, Município de Brasnorte MT. Sou filho de Lourenço Inácio Janaxi e Maria Angelina Kamunsti, casado com Dulcilene Inês Kutitsi e pai de Patiara Inês Tipjusi, Ewaldison Lourival Janaxi, Dinivaldo Lourival Tamuxi, Yudi Kixi Mampuche e Dêrick Lourival Xinuxi. Sempre morei na Aldeia aos cuidados dos meus pais e principalmente da minha avó materna Aureliana Atusi. Ela que me ensinava todos os conhecimentos do meu povo e os trabalhos de roça de toco. Todos os dias ela me levava na roça para buscar os alimentos, quando andávamos pelo menos quatro quilômetros diários. Em 1995 a Escola é construída na Aldeia e, aos nove anos de idade, passei a estudar no 1º ano do ensino fundamental. No meu 2º ano, a professora viu que meu nível de conhecimento era outro, tinha um aprendizado considerado bom e fez uma reclassificação, passei a estudar no 3º ano. Estudei até terminar a 4ª série, o maior nível ofertado na aldeia. Consegui terminar a 8ª série e logo em seguida surgiu uma oportunidade de cursar o Projeto Haiyô, formação de professores indígenas em nível magistério. Nesta mesma época, em 2006, a comunidade me escolheu para ministrar aulas, mesmo sem uma formação acadêmica. Logo fui conquistando o meu espaço, pois, nesse novo desafio, descobri que esta seria minha profissão e cada vez que ouvia um aluno ou aluna me chamando de professor, não dizendo mais o meu nome, essa vontade e ânimo pela só aumentava.

Consegui terminar o magistério no final de 2010, em 2011 fiquei sabendo das vagas na Unemat para professores indígenas, fiz a minha inscrição e consegui ser aprovado, em 2016 concluo a minha licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática. Em 2018 tive uma experiência muito boa para a minha vida pessoal e profissional, fui convidado pelo Professor Dr. Adailton Alves da Silva para participar como aluno especial numa disciplina “Educação e Etnomatemática: Diversidade Cultural e Práticas Pedagógicas” na Unemat de Barra do Bugres, MT. Nessa semana tive o prazer de conhecer ainda mais o Professor Dr. João Severino Filho, que mais tarde seria o meu orientador de mestrado. Em 2020 saiu o edital para o mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGEII - Barra do Bugres, fui aprovado e a minha defesa de dissertação foi “O céu do Povo Manoki e seus Ensinos sobre a Terra”, em novembro de 2022.



Evanilson Tavares de França



evanilsont@gmail.com



<http://lattes.cnpq.br/0602460101043092>

Sou o Evanilson Tavares de França. Homem negro, originário de comunidade tradicional de matriz africana. Doutor em Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Tese: “O Jeito que o corpo dá: práticas culturais e práticas curriculares numa roda de Samba de Pareia” (2021); Mestre em Ensino de Ciência e Matemática, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Dissertação: “Escola e cotidiano: um estudo das percepções matemáticas da comunidade quilombola Mussuca em Sergipe” (2013); professor e pedagogo do sistema de ensino do estado de Sergipe. Poeta. Autor/organizador das seguintes obras: "Aprendizagem e Ensino de Matemática: Múltiplos Olhares em Diferentes Espaços", "Leituras Sobre Currículo: Protagonismo Docente da e na Educação Básica", "Colégio Estadual John Kennedy: 50 anos", "Movente", "Passos e (des)compassos da educação do povo negro à educação escolar quilombola: silenciamentos e trajetórias de militâncias". Autor de diversos artigos publicados em periódicos acadêmicos e anais de eventos, a exemplo de: “Por uma educação do ‘nós’: um diálogo com Ubiratan D’Ambrósio e com sensibilidades decoloniais” (In: Andréia Lunkes Conrado; Gustavo Alexandre de Miranda; Zaqueu Vieira Oliveira. (Org.). Ubiratan incomensurável. 1ed.São Paulo: Livraria da Física, 2022), “Diante do Velho Mestre, a Emoção em Relevo” (In: Milton Rosa. (Org.). A Tribute to Ubiratan D’Ambrosio. 1ed.: ISGEm Newsletter, 2021, v. 19, p. 7-8), “Educação Escolar Quilombola e ensino de Matemática: a prática docente de uma professora militante” (Revista currículo & docência, v. 3, p. 121-121, 2021), “O currículo moderno/colonial e a produção de silenciamentos em comunidade de tradição oral” (Revista Epistemologias do Sul, v. 5, p. 20, 2021). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Identidade e Alteridades: Diferenças e Desigualdades na Educação - GEPIADDE (Universidade Federal de Sergipe - UFS), do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UFS), e do Grupo de Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Culturais (Grupo Phala/UNICAMP). Coordenador do Projeto “Alma Africana: reconhecendo as diferenças, esperando a equidade”.



RedINET-Brasil



Francisca Melo Agapito



Conexão Virtu@l Etnomatemática



francisca.agapito@ufma.br



Caríssimos leitores e leitoras, inicio esta breve biografia com a minha autodescrição: Meu nome é Francisca Melo Agapito, sou uma mulher negra de cabelos cacheados castanhos compridos, olhos claros quase verdes, tenho 1,55 metro de altura e estou na faixa dos 40 anos. Sou natural da cidade de Imperatriz-Maranhão, local onde resido e realizo meus estudos, pesquisas e laboro, tendo me dedicado à educação de pessoas com deficiência, em particular, com uma caminhada profissional neste campo. Sou docente da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, no Centro de Ciências de Imperatriz, Unidade Prof. José Batista de Oliveira, além de ser vinculada ao Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED/UFMA). Licenciada em Pedagogia, especialista em Libras, Mestre e Doutora em Ensino, pela Universidade do Vale do Taquari-Univates. No Doutorado tive a oportunidade de conhecer, me aprofundar nos estudos do campo da Etnomatemática, entre os quais cito livros, artigos, eventos acadêmicos e a inserção no Grupo de Pesquisa Prática, Ensino e Currículo (PEC), coordenado pela Profa. Dra. Ieda Maria Giongo – minhas orientadoras discussões de Ubiratan D' Ambrosio foram imprescindíveis para realizar reflexões sobre possibilidades de ensinar e aprender por meio de diferentes matemáticas. No trilha das pesquisas sobre a Etnomatemática, fiz a imersão neste campo a partir das lentes teóricas de Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein. Estas teorizações me proporcionaram ter outros olhares para a Educação Matemática, e nesta esteira, direcionei meu olhar para a articulação com a educação de pessoas surdas em um contexto bilíngue. Me aprofundei sobre a Etnomatemática realizada por este grupo cultural específico e pude produzir conhecimentos sobre as Etnomatemáticas e os jogos de linguagem que emergiram neste lócus investigativo. Continuo pesquisando e buscando outros olhares sobre o campo da Etnomatemática, galgando a cada dia, a valorização dos aspectos culturais dos distintos grupos e da inclusão de diferentes sujeitos e seus outros modos de pensar matematicamente.

Leila Carla dos Santos Quaresma



Conexão Virtu@l Etnomatemática



lattes.cnpq.br/7744871010656831



(82) 988056752



RedINET-Brasil



Meu nome é Leila Carla dos Santos Quaresma. Mestre pelo Programa de Pós-graduação no Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM-2021), da Universidade Federal de Alagoas. Pesquisadora em Educação Matemática, com ênfase sobre a Etnomatemática na Cultura Alagoana. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (2016). Atualmente sou servidora pública na rede estadual de Alagoas, na função de Professora de Educação Especial. Além disso, sou membra da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), bem como, do Grupo de Pesquisa em Tecnologias e Educação Matemática (TEMA), vinculado a Universidade Federal de Alagoas, com foco de investigação nas áreas de Tecnologias, Educação Matemática, Inovação e Práticas Pedagógicas. O meu interesse pelos estudos e pesquisas sobre a Etnomatemática surgiu a partir de uma experiência com a alfabetização de pessoas Jovens e Adultas, a qual me possibilitou visualizar a Matemática na Vida. A partir desta experiência, pude perceber que em minha região, a Etnomatemática faz parte da vida dos artesãos que trabalham cotidianamente com as tramas matemáticas, isto, nos teares do artesanato do bordado Filé Alagoano, às margens dos rios Mundaú-Manguaba, em Maceió-Alagoas. Foi assim que, debrucei-me nos estudos sobre a Etnomatemática a partir das concepções do Professor Ubiratan D'Ambrósio, iniciando minha trajetória de pesquisas no Mestrado, em 2018, que por sua vez, teve o professor supracitado como um dos convidados para a qualificação da pesquisa. Na época, o professor "Ubi" sugeriu denominar a pesquisa como a "Etnomatemática do Filé Alagoano", e esta contribuição causou-me constantes inquietações até os dias atuais, e assim, prossigo investigando e analisando a Matemática da Cultura e a Cultura da Matemática no meu estado de Alagoas. Sob esta perspectiva, venho trilhando os percursos de investigação na comunidade científica, buscando compreender como se apresentam as etnomatemáticas alagoanas, por meio de estudos sobre práticas pedagógicas baseadas no permanente diálogo entre a Matemática da Vida e a Matemática Escolar.

Márcio de Albuquerque Vianna



 marcioviannamat@ufrj.br

 @marciovianna8650

 <http://lattes.cnpq.br/1194444335975667>



RedINET-Brasil

EtnoMatemáticas
Brasis

Meu nome é Márcio de Albuquerque Vianna, sou “carioca da gema” do subúrbio e músico amador. Possuo licenciatura em Matemática, mestrado em Educação Matemática pela Universidade Santa Úrsula (2001) e doutorado pelo PPGCTIA da UFRRJ em convênio binacional com a UNRC (Universidade Nacional de Rio Cuarto - Argentina) na área de concentração Políticas Públicas Comparadas (2017). Já atuei como professor de matemática na Educação Básica da Rede Municipal e Estadual do Rio de Janeiro, além de diversas universidades privadas. Pesquisei sobre o carnaval das escolas de samba no mestrado e sobre a agricultura familiar no doutorado. Atualmente sou professor Associado I na área de Educação Matemática do Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino (DTPE) do Instituto de Educação da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Sou docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGEduCIMAT) da UFRRJ, onde oriento pesquisas de mestrado sobre etnomatemática de quilombos, de pescadores, de culturas africanas, de famílias de agricultores, etc., além de pesquisas na Educação Matemática Crítica. Fui bolsista da CAPES-OBEDUC para a produção de Materiais Curriculares Educativos Online e bolsista como extensionista do projeto do CNPq pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário como Assessor Territorial de Gestão Social do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) do Território Rural da Baía da Ilha Grande-RJ. Sou membro diretor do GEPEM (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática) desde 2011 e lidero o GEtCiMat (Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnociências e Etnomatemática) da UFRRJ desde 2019. Venho atuando principalmente nos seguintes temas: Etnomatemática, Etnociência, formação de professores, Educação Matemática Crítica, agricultura familiar, gestão social, Educação de Jovens e Adultos, decolonialidade e cultura popular.

Nivaldo Korira'i Tapirapé (Paroo'i)



Conexão Virtu@l Etnomatemática



nivaldokorirai@hotmail.com



Olá Aoxekato. Sou Nivaldo Korira'i Tapirapé, mas, adoro ser chamado de Paroo'i, nome do meu avô paterno. Nasci no dia 10 de outubro de 1974 na Aldeia Yywytãwa, localizava na beira de um grande igarapé muito bonito que se chama Yewira, na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, Município de Santa Terezinha – Mato Grosso. Filho de Xakareo'i Tapirapé e de Mareapawygoo Tapirapé. Pertencço ao povo indígena Apyãwa-Tapirapé. Moro na Aldeia Myryxitãwa na T.I. Urubu Branco, município de Confresa – MT. Trabalho na Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa. Sou Licenciado em Ciências Sociais, Especialista em Educação Escolar Indígena, pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Especialista em Educação Intercultural Transdisciplinar: Gestão Pedagógica pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII – Unemat, no Campus de Barra do Bugres, Mato Grosso. Em 1992 fiz primeiro curso de ensino médio ofertado pelo município que tinha programa de formação para professores leigos em exercício, em parceria com Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Projeto Inajá II, como era conhecido, a sede na cidade de Santa Terezinha – MT, na qual participavam outros municípios como Confresa, Vila Rica, Luciara e Ribeirão Cascalheira, todos da região Araguaia. Desde 1993 atuo na sala de aula no ensino fundamental e no ensino médio. Não sou formado em matemática, mas, sempre trabalhei Etnomatemática, que é Transdisciplinar. Em 1999 a 2000 tive primeira experiência na gestão administrativa, na função de diretor da Escola Estadual Indígena Tapirapé na Terra Indígena Tapirapé/Karajá. Um período de muito aprendizado. Adquiri conhecimento na área administrativa, onde também comecei a dialogar com representantes e líderes da educação escolar indígena. Tive privilégio de ingressar na primeira turma de nível superior que aconteceu em 2001 na Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat. Esse projeto foi muito importante para mim, já que atuava na sala de aula. O projeto conhecido no início como, 3º Grau Indígena era um projeto específico e diferenciado que era uma demanda da formação de professores indígenas que trabalhavam na área de educação de suas comunidades. Trabalhei também no CEFAPRO (Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica) de Confresa, como Formador Indígena, que atendia as escolas indígenas da região, no período de 2013 a 2016. Atualmente sou Cacique de Myryxitãwa, Professor e Coordenador da Escola Tapi'itãwa.

Scheila da Rosa Rocha Serafim



scheilarserafim@gmail.com



lattes.cnpq.br/8154208154111498



RedINET-Brasil



Olá, sou Scheila da Rosa Rocha Serafim, natural de Criciúma no estado de Santa Catarina, onde sou professora concursada na disciplina de matemática. Licenciada em Matemática e Pedagogia com especialização em Educação Matemática e Gestão Escolar. Atualmente mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da PUCRS. Iniciei minha carreira como professora de matemática em escolas de educação básica no primeiro semestre da Licenciatura em Matemática e percebia a necessidade da aproximação entre o conhecimento escolar e os saberes trazidos pelos estudantes, para o sucesso nos processos de ensino e aprendizagem de matemática. Durante a especialização aprofundi meus estudos a respeito da Modelagem Matemática, e por meio destes, me aproximei da Etnomatemática. Foi em uma formação pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tendências da Educação Matemática e Cultura (GEPEMac), liderado pela profa. Dra. Bete Madruga, que pela primeira vez ouvi sobre Etnomatemática. A partir da formação fiz leituras e reflexões sobre o campo da Etnomatemática, e a partir da leitura do artigo “Formas de vida e jogos de linguagem: a Etnomatemática como método de pesquisa e ensino” da prof. Dra. Isabel Cristina Machado de Lara, decidi ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da PUCRS, para cursar o mestrado sob sua orientação. Faço parte do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Etnomatemática (GEPEPUCRS), liderado pela profa. Dra. Isabel Lara e por meio do programa aprofundi minhas leituras e reflexões amparada em autores D’Ambrosio, Foucault e Ludwig Wittgenstein. Entendendo a Educação Matemática como uma área atravessada por relações de poder que desempenham um papel importante na formação de cada sujeito da relação de ensino e aprendizagem, professor e estudante. Acredito, como pesquisadora, que a Etnomatemática valoriza as diferentes culturas e oferece uma abordagem que permite aproximar a Matemática aprendida na escola com o modo de matematizar pertencente a vida do estudante.

Themis C. Veras de Lima



themis.lima@ifap.edu.br



(96) 98131-6816



RedINET-Brasil



Meu nome é Themis Corrêa Veras de Lima, Licenciada em Matemática, com especializações Lato Sensu em: Gestão e Docência no Ensino Superior; Educação Digital e cursando Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Ciências e Matemática. Procurei cursar a Licenciatura em Matemática após a experiência de 19 anos ministrando aula de reforço em casa, de início era pra ajudar na renda da família, mas me apaixonei pela docência e fui atrás da formação, porque observei que o reforço fazia a diferença na vida de uma pessoa e tive o sonho de querer fazer muito mais.

Comecei a ter interesse pela Etnomatemática quando comecei a observar que muitos profissionais como pedreiro, padeiro, vendedor ambulante, usam bastante a matemática na prestação do seu serviço, mas quando se fala da matemática formal parece que é "algo do outro mundo". Gosto muito de trabalhar com o artesanato porque consigo ver a Matemática em cada detalhe, e meu interesse ficou mais forte quando vi o quanto a classe de artesã(o) ainda não é valorizada(o) como deve ser, bem, seria muito amplo falar de forma generalizada dessa classe, pois têm as que bordam, as que pintam, as que tecem etc. Então tive a oportunidade e o prazer de ter uma aluna do Curso Técnico Subsequente, que apesar de não ser do EJA (Educação de Jovens e Adultos), a mesma já estava há anos sem dar continuidade aos estudos, dessa forma a discente apresentava muita dificuldade e quanto ao Componente de Matemática, mais ainda, no entanto era dedicada e comprometida com a construção do seu conhecimento e assim como professora através da observação e aproximação mediando o seu conhecimento, soube que a discente exercia atividade de costureira. Foi então que de fato eu soube sobre o que eu queria escrever trabalhando na Linha da Etnomatemática. Estou construindo o Artigo intitulado: "Apropriação das práticas de numeramento com costureiras em Macapá: A etnomatemática como possibilidade de ensino para EJA/ PROEJA", com o Professor Orientador Romaro Antonio Silva. Este artigo tem como objetivo investigar a apropriação das práticas de numeramento por costureiras em Macapá, com foco na aplicação da etnomatemática como uma abordagem pedagógica potencial para o ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

Acredito que a qualidade do Ensino e da Aprendizagem é elevada quando se tem um olhar etnomatemático, pois precisamos conhecer o nosso discente, o contexto em que ele está inserido, suas experiências e fazer disso um estudo para melhor compreensão e aplicação para tornar sua aprendizagem mais significativa.